Macron eleito Presidente em França – neste programa analisamos o significado da vitória para os franceses e para a Europa

Na semana em que se assinala mais um Dia da Europa, examinamos para o que pensam os europeus sobre a União Europeia e olhamos também para o consenso do Conselho Europeu em torno das negociações sobre o Brexit

Ainda nesta edição, a futura adesão de Montenegro à NATO e o impacto sobre as relações entre Bruxelas e Moscovo

Bem-vindos ao Magazine Europa,

Emmanuel Macron foi eleito Presidente da França. O candidato independente venceu a segunda volta das eleições do último domingo com 66 por cento dos votos.

No discurso da vitória, no Louvre, Macron deixou uma mensagem aos que votaram pela candidata de extrema-direita, Marine Le Pen:

RM – Emmanuel Macron:
"Essas pessoas expressaram hoje raiva, angústia e, por vezes, convicções. Eu respeito-os. E farei tudo, ao longo dos próximos cinco anos, para que não tenham mais qualquer razão para votar numa posição extremista."

Aos 39 anos, Macron será o mais novo Presidente da história da França. Será também o primeiro Presidente francês desde 1958 que não provém dos dois principais partidos tradicionais.

A abstenção no domingo atingiu os 26 por cento – foi a mais elevada em quase 50 anos.

Ao telefone a partir de Bruxelas está o comentador residente do Magazine Europa, Victor Ângelo, consultor internacional baseado na capital belga.

Victor, o que representa a vitória de Emmanuel Macron para a França?

RM – Victor Ângelo:
"Macron é o Presidente da competência, da renovação e, em certa medida, da modernização da economia e das condições

sociais dos franceses. Macron é o Presidente que vai dar um impulso à construção Europeia. A eleição de Macron é uma boa notícia para a França e uma excelente notícia para a Europa. Nós vamos assistir, do ponto de vista político, ao realinhamento da vida partidária francesa. Vai aparecer à volta de Macron um novo movimento político, tendo em conta as eleições parlamentares do mês de Junho, e, por outro lado, vamos também assistir ao enfraquecimento ainda maior do Partido Socialista, tendo em conta que uma boa parte dos membros do Partido Socialista vai certamente aderir ao novo movimento que Emmanuel Macron vai criar e também ao nível do centro-direita, dos Republicanos, vamos assistir a um definhamento da direita tradicional, na medida em que muitos dirigentes republicanos, e também ao nível da base, apoiaram a candidatura de Macron e deram a vitória a este candidato."

Em termos de políticas, o que podem os franceses esperar deste Presidente?

RM – Victor Ângelo:
"Eu penso que os franceses esperam deste Presidente uma atenção muito especial em relação a duas grandes questões: uma delas é a economia e a outra é a segurança. Ao nível da economia, este Presidente vai reformar a lei do trabalho, vai tornar as empresas francesas mais competitivas quer em França quer no interior da Europa. Vai, além disso, permitir uma redução dos impostos sobre as empresas e sobre as famílias. E isso é muito importante, tendo em conta que nos últimos cinco ou seis anos a população francesa foi esmagada com uma série de novos impostos. Vai também alargar o seguro de desemprego e vai, certamente, como ele sempre prometeu e sabe-se que o fará, investir bastante ao nível da educação e da cultura. Uma das grandes prioridades do novo Presidente é exactamente a educação ao nível da escola primária. Ao nível da segurança, ele vai aumentar os efectivos da polícia e, por outro lado, vai também aumentar as despesas em termos de defesa, de modo a que a França possa estar dentro dos critérios da NATO em termos de percentagem de despesas de defesa e, por outro lado, para que a França possa de novo desempenhar um papel internacional, nomeadamente no Norte de África, na África do Sahel e também, em certa medida, no Médio Oriente, que é um papel que era tradicional da França, mas que se perdeu nos últimos anos."

E quanto a medidas sobre a Europa? O que é que se pode esperar?

RM – Victor Ângelo:
"Ao nível da Europa, ele vai sobretudo insistir na criação de um orçamento comum europeu para os países da Zona Euro, vai tentar que seja criado o posto do Ministro das Finanças da Zona Euro, vai permitir muito maior integração e muito mais solidariedade entre os países da Zona Euro. Além disso, ao nível europeu, Emmanuel Macron vai ser o contrapeso que faltava nas relações entre a França e a Alemanha. Nos últimos cinco anos, durante sobretudo a presidência de François Hollande, do lado francês o pilar foi muito fraco e Emmanuel Macron sabe que uma das suas tarefas é reestabelecer este equilíbrio de forças entre estes dois grandes construtores da Europa que são a Alemanha e a França."

O que significa este resultado para a Europa?

RM – Victor Ângelo:
"A eleição de Macron foi vista na Europa de uma maneira extremamente encorajadora e Macron era de longe o candidato preferido das instituições europeias e não só – era o candidato preferido de praticamente todos os governos da Europa, com a excepção, provavelmente, do Governo da Hungria. A vitória a que assistimos, a vitória de Emmanuel Macron, envia uma mensagem muito positiva não só em direcção a Bruxelas, mas também em direcção às outras capitais europeias. Isto numa altura em que a Europa precisa de se reforçar, de marcar posição no mundo e precisa, sobretudo, de unidade, tendo em conta as negociações com o Reino Unido, que vão ser negociações extremamente complicadas."

Hoje, 9 de Maio, celebra-se mais um Dia da Europa. Uma Europa que os europeus querem ver mais interventiva na esfera internacional. É o que revela um estudo encomendado pelo Parlamento Europeu. O barómetro indica também que o desemprego é uma das grandes preocupações dos europeus, incluindo dos portugueses, como nos conta a correspondente da Antena 1 em Bruxelas, Andrea Neves:

RM – Andrea Neves:
"É à questão do desemprego que os portugueses dão especial prioridade. Oitenta por cento consideram que as acções da União Europeia são insuficientes. O tema preocupa também os europeus em geral: 78 por cento querem que a União seja mais

activa no combate ao desemprego.
Os dados agora conhecidos foram alcançados através de um barómetro encomendado pelo Parlamento Europeu. No que se refere a Portugal, fica a saber-se que um terço dos portugueses considera que a crise ainda vai durar muitos anos, embora 25 por cento dos inquiridos sintam que já se está a regressar ao crescimento económico.
Neste inquérito foram ouvidos 28 mil cidadãos, 1061 portugueses, que se mostram como os que menos se identificam com a cidadania europeia. No entanto, mais de metade – quase 54 por cento – consideram que é positivo fazer parte desta União. Neste caso específico, os dados apontam para uma realidade muito semelhante à que se registava antes da crise de 2007: há confiança em geral na União Europeia e reconhecem-se os benefícios da integração.
No geral, os dados agora recolhidos mostram também que os europeus estão preocupados com os últimos acontecimentos internacionais e pedem mais intervenção na defesa e na protecção do ambiente, um tema que tem ganho terreno nas preocupações dos cidadãos, tal como o que se refere à necessidade de evitar a fraude fiscal."

As celebrações deste ano do Dia da Europa surgem dias depois de os 27 Estados membros terem aprovado as directrizes para as negociações com o Reino Unido sobre a saída do país da União Europeia. A correspondente da Antena 1 relata que um quarto de hora bastou para que o Conselho Europeu, a 27, chegasse a acordo sobre as linhas gerais que devem guiar as conversações com Londres:

RM – Andrea Neves:
"Aprovadas em menos de 15 minutos. Os tweets de Donald Tusk e Jean-Claude Juncker foram significativos. Dizia-se por aqui que o tempo que demorasse a aprovação reflectiria o nível de união dos 27 – ora, menos de 15 minutos significa, obviamente, que há um acordo imediato em relação às linhas de orientação que vão definir as negociações para a saída do Reino Unido.
Entre essas linhas está a questão dos cidadãos, que devem estar em primeiro lugar. Os 27 querem garantias de que não haverá discriminação e de que os direitos fundamentais serão respeitados. Há mesmo uma lista de direitos inegociáveis que a Comissão elaborou – passam por pensões, trabalho, residência,

por exemplo.
O Reino Unido deve também cumprir os compromissos financeiros que assumiu ainda enquanto membro da União, mesmo que se prolonguem para lá da saída.
Os 27 apresentam-se unidos – tem sido também uma das palavras de ordem – e não admitem negociações sectoriais ou individuais de um Estado membro com o Reino Unido. Primeiro, discute-se a saída e depois o futuro. Os 27 querem que as relações futuras sejam próximas, mas para já é preciso saber até que ponto vai haver progressos suficientes na negociação da saída."

Victor, os europeus defendem uma Europa mais firme na cena internacional... De que forma pode a Europa dar resposta a esta reivindicação?

RM – Victor Ângelo:
"A Europa precisa de ter um papel internacional mais visível. Neste momento, a política externa da Europa ainda está em construção. Federica Mogherini tem feito bastante no sentido de tornar a presença europeia em relação aos diferentes conflitos mais visível, mas ainda há muito que fazer. A Europa, neste momento, é uma voz extremamente fraca no que diz respeito à crise da Síria, é uma voz praticamente inaudível no que diz respeito às relações entre a Palestina e o Estado de Israel, e, além disso, é uma voz também pouco ouvida nos conflitos que existem em África. Nós somos, neste momento, enquanto europeus, os principais doadores em termos de ajuda humanitária e em termos de ajuda ao desenvolvimento. Mas em termos de influência política na resolução dos grandes conflitos internacionais o nosso peso é muito pequeno. E é isso que preciso resolver. Isso passa não só por uma política externa, diplomática mais activa, mas também por uma presença militar mais visível, nomeadamente pelo destacamento de unidades militares europeias no quadro das operações de paz das Nações Unidas."

Os portugueses surgem como os que menos se identificam com a cidadania europeia, apesar de mais de metade acreditar que é positivo pertencer à União Europeia. Como se explicam estes resultados?

RM – Victor Ângelo:
"É difícil de explicar em poucas palavras a posição dos portugueses. A maioria dos portugueses reconhece os

benefícios da cidadania europeia e, na generalidade, o cidadão de Portugal apoia a União Europeia. É evidente que há certos partidos em Portugal – e nomeadamente o Bloco de Esquerda e o Partido Comunista Português – que são contra o projecto europeu e contra a presença de Portugal nas instituições europeias. E isso, evidentemente, tem um impacto ao nível do eleitorado desses dois partidos. Ou seja, cerca de 20 a 22 por cento dos portugueses que apoiam quer o Bloco de Esquerda quer o Partido Comunista Português terão muitas reservas em relação à União Europeia. Mas isso só não explica. Eu penso que é também o facto de que Portugal esperaria mais em termos de solidariedade europeia, Portugal sente que continua a ser o parente pobre da Europa, e há também a questão da periferia – nós, apesar de tudo, não estamos no centro geopolítico da Europa e isso, evidentemente, tem um impacto sobre a maneira como se vê o relacionamento com os outros países europeus."

No que diz respeito ao Brexit, 15 minutos bastaram para que os 27 Estados membros aprovassem as orientações sobre as negociações com Londres. Esta sintonia é um bom presságio quanto à união entre os membros do bloco para os próximos anos?

RM – Victor Ângelo:
"À partida, a sintonia é importante, porque o fundamental é que os 27 países restantes se mantenham unidos. Até porque a negociação com o Reino Unido vai ser uma negociação muito difícil. Aliás, na semana passada, ouvimos declarações – nomeadamente de Theresa May – que mostram claramente que, quer dum lado quer do outro, os ânimos estão muito exaltados e que, provavelmente, do lado britânico, a opinião pública vai ser mobilizada contra um acordo que possa ser considerado como desfavorável em relação ao Reino Unido. As três questões fundamentais são as questões dos cidadãos e dos seus direitos – os cidadãos europeus que vivem no Reino Unido e os direitos que devem manter; por outro lado, os cidadãos britânicos que vivem nos diferentes países europeus e igualmente a manutenção desses direitos. A segunda grande questão é a questão dos compromissos financeiros do Reino Unido e qual vai ser o montante total que o Reino Unido vai ter que pagar quando sair da União. E a terceira grande questão é a questão das fronteiras terrestres com o Reino Unido, nomeadamente as fronteiras na Irlanda, entre a Irlanda e a Irlanda do Norte, e a fronteira entre Espanha e Gibraltar."

As celebrações do Dia da Europa ocorrem hoje na Universidade de Macau com uma mesa redonda sobre a União Europeia. As oficiais têm lugar na quinta-feira, no dia 11, com um concerto de músicas de filmes célebres europeu – uma celebração organizada pela Delegação da União Europeia para Hong Kong e Macau.

Montenegro prepara-se para aderir à NATO. No final do mês passado, o parlamento do país ratificou o protocolo de adesão à Aliança Atlântica, um protocolo ratificado dias antes pelos Estados Unidos. Montenegro deve tornar-se em breve o 29º Estado membro da Organização do Tratado do Atlântico Norte.

Victor, o que pode Montenegro oferecer à NATO?

RM – Victor Ângelo:
"Montenegro é um país muito pequeno e com umas forças armadas minúsculas. Ou seja, estamos a falar de pouco mais de 2.000 militares. Estas forças armadas não são de modo algum um contributo importante para o reforço militar da NATO. A questão que está em cima da mesa é que, por um lado, a adesão de Montenegro à Aliança Atlântica envia uma mensagem muito forte em direcção à Geórgia e à Ucrânia, que são países bem mais importantes que Montenegro e que gostariam de integrar a NATO. A mensagem que é enviada em direcção a estes dois países é a de que vale a pena esperar porque Montenegro esperou e conseguiu entrar – e um dia virá em que a Geórgia e a Ucrânia também irão entrar. A segunda grande mensagem é uma mensagem em relação à Rússia. A NATO está a dizer à Rússia que, apesar de toda a oposição vinda de Moscovo, no que diz respeito à expansão da NATO em relação aos antigos países aliados do Pacto de Varsóvia, ou membros do Pacto de Varsóvia, a NATO continua a admitir países que pertenciam a esse tipo de aliança na medida em que esses países o desejem."

A Rússia já criticou a futura adesão de Montenegro e a luz verde dada pelos Estados Unidos... Que impacto pode ter a adesão do país nas relações entre Bruxelas e Moscovo?

RM – Victor Ângelo:
"A adesão de Montenegro não facilita o relacionamento entre Bruxelas e Moscovo. A Rússia é contra a adesão de Montenegro por várias razões: porque Montenegro fazia parte do mundo

comunista, digamos assim, no passado, durante a guerra fria; por outro lado, porque Montenegro tem uma forte população sérvia e em geral os sérvios são vistos como os eslavos do sul e muito próximos, por isso, dos eslavos do norte, dos russos; em Montenegro, há uma forte penetração económica da Rússia – nomeadamente, por exemplo, 40 por cento das propriedades de Montenegro são de cidadãos russos; e, além disso, a Rússia pensava que Montenegro podia ser o porto que estaria disponível para os navios russos que quisessem fazer operações no Mar Adriático, e com a adesão de Montenegro à NATO essa hipótese desaparece."

A Casa da História Europeia abriu ao público no último fim-de-semana. Trata-se de um museu, jornalista André Jegundo, que pretende encorajar os cidadãos a reflectir e debater sobre a história da Europa e a integração europeia:

RM – André Jegundo:
"Fica em Bruxelas e promete desafiar os visitantes a avaliarem o passado e o futuro da Europa.
O foco da exposição permanente recai principalmente sobre o século XX e o processo de integração europeia, a partir de uma perspectiva histórica abrangente. Uma abordagem que tem em conta a diversidade da Europa e múltiplas percepções sobre a história europeia.
A ideia é expor tanto experiências partilhadas como casos contrastantes.
A exposição permanente, que ocupa uma área de cerca de 4.000 metros quadrados e está disponível em 24 línguas, inclui materiais trazidos de mais de 300 museus ou colecções espalhados pela Europa e não só.
O museu situa-se no edifício Eastman, que foi convertido para o albergar. Nele, existe também uma zona de cerca de 800 metros quadrados destinada a exposições temporárias. Estão também previstos diversos eventos e programas educacionais."

A fechar, uma nota sobre o concurso de curtas-metragens realizado no final do ano passado pelo Programa Académico da União Europeia para Macau. Para celebrar o Dia da Europa, os filmes que venceram a edição de 2016 do EU Short Film Challenge são transmitidos ao longo desta semana na TDM – Canal Macau, a seguir ao telejornal em língua inglesa, pelas 23h30. As curtas-metragens, realizadas por estudantes, incidiram sobre o tema das migrações.

[Ficha técnica]

Com edição e apresentação de Sofia Jesus, a análise de Victor Ângelo e coordenação de Rui Flores, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do Projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões expressas neste magazine não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +.

Estamos no Facebook em Magazine Europa.